

Commitment

"Depois de muito tempo escutando que eu tinha problema com “commitment”, conheci uma americana por quem me apaixonei. Namoramos desde 2003 e a relação é bem afinada, mas outro dia ela falou em casamento e eu fiz uma coisa que não fazia há muito tempo: comecei a passar e-mails para mulheres com quem já saí (todas brasileiras). Achei estranho, porque não tenho a menor intenção de sair com elas. Agora começo a me questionar: será que algum dia vou estar pronto para casar?"

– Alex, Los Angeles

A dificuldade em se estabelecer um compromisso amoroso – um “commitment”— pode ter raízes bem profundas. Refiro-me a raízes de cunho pessoal, que podem ter se desenvolvido quando você ainda era um menino, Alex. Mas, à despeito da natureza dessa questão, noto que o “medo do compromisso” virou algo *cliché* no linguajar cotidiano dos homens americanos. Você é brasileiro, eu sei, mas vive aqui. Eu me pergunto se esse estereótipo do homem-com-medo-de-compromisso de alguma forma lhe influencia.

O estereótipo é o seguinte: os dois namorados se adoram, mas quando já estão juntos há algum tempo, *ele* se sente pressionado a ter que propôr o casamento e *ela*, que quer casar, espera impacientemente pela proposta. Esse folhetim de tempos cavalheirescos talvez desse certíssimo numa outra época, ou numa outra sociedade, mas não num tempo e espaço onde homens e mulheres são independentes, pagam seus aluguéis (muitos já vivem juntos), e têm autonomia para escolher com quem desejam se relacionar. A tradição do mocinho-propõe-para-a-mocinha continua, mas os mocinhos e mocinhas não dependem um do outro como antigamente.

Nessa estorinha, a mulher, que é tão independente quanto o homem, acaba se frustrando com a espera, e o homem se sente pressionado a ter que tomar a decisão sozinho – como se todas as responsabilidades do casamento estivessem unicamente nos seus ombros. Muitos deles acabam fugindo da raia, embora continuem gostando das suas parceiras. Fiz um pequeno questionamento sociológico aqui, e não estou certa de que você se enquadra nessa dinâmica. Mas isso me ocorreu, pois você está inserido na sociedade americana, e a sua namorada é daqui; portanto, pode ser parte do quadro que voce descreveu.

Mas vamos ao medo de se comprometer seriamente numa relação, já que você diz ter “problema com commitment”. Escolhi a palavra “medo” de compromisso porque, para algumas pessoas, o que se sente é mesmo uma ansiedade. Mas ansiedade de que? De se sentir preso, amarrado a alguém? Da perda da liberdade? Até que ponto o comprometimento tem impacto na liberdade do indivíduo? Numa relação saudável, tanto o homem quanto a mulher podem

permitir que cada um mantenha um certo espaço seu, (a partida de futebol semanal, as aulas de capoeira, os cursos, o cinema com a amiga, a cervejinha com o amigo, etc).

Mas pode ser que você tenha a sensação de sufocamento ao pensar em se casar. Se esse for o seu caso, eu lhe perguntaria se a liberdade que você quer é real, ou fantasiosa. Ela pode se concretizar mesmo, ou é só um estado de espírito que você tem em mente? Também perguntaria se, por acaso, a idéia de se entregar a uma outra pessoa lhe causa desconforto, medo de ser deixado, ou traído – e por isso você foge da relação. Perguntaria se assumir responsabilidades lhe causa pânico de não conseguir fazer as coisas com sucesso, de falhar. Perguntaria várias coisas até que entendêssemos melhor o que está se passando com você, Alex.

Eu concordo com a sua colocação: mandar e-mails para outras mulheres quando você não tem a “menor intenção em sair com elas” não é característico seu, e é um comportamento “estranho”. Você, muito perspicaz, notou que reagiu dessa maneira depois de ouvi-la falar num compromisso maior. Como não conheço a sua história de vida, não sei o que pode trazer desconforto à idéia de se casar com ela. Mas a minha sensação é de que alguma coisa realmente aconteceu dentro de você ao ouvir a palavra “casamento”, pois a sua reação foi marcante. Esses e-mails me parecem uma fuga, uma distração. Fugir ou se distraír daquilo que trouxe confusão, desconforto, medo: o compromisso (que deve representar alguma coisa para você inconscientemente).

Achei muito curioso saber que as suas correspondentes são todas brasileiras. Eu me pergunto se isso não está refletindo alguma ambivalência da sua parte em relação a se casar com uma americana; talvez um receio de que não vai constituir família com uma brasileira; talvez um receio de que esta separação do Brasil seja definitiva. Será que isso faz sentido para você?

Neste momento, observando a sua reação “estranha”, sugiro que você se permita pensar mais no que está acontecendo, mesmo que não tenha uma resposta imediata para as suas perguntas. Aprecie as dificuldades que você tem. Admitir que temos alguma limitação nos dá força, pois fingir que a limitação não existe toma muito mais energia da nossa psiquê. A coragem para sermos vulneráveis e honestos conosco vale ouro, vale o sucesso de uma relação. Poder conversar com a sua namorada sobre o que está se passando dentro de você talvez seja um bom ponto de partida: você estaria tratando de algo sério com maturidade e abrindo espaço para que ela também possa lhe dizer o que sente a respeito. Boa sorte!

Esta coluna não tem a intenção de substituir um contato terapêutico profissional. Ela foi criada como ponto de partida para discussões psicológicas e

comportamentais. Mandem suas perguntas para o Cantinho do Divã através do e-mail: jacquelinemft@hotmail.com

© Jacqueline Bonelli Smith, MFT 2006